

CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES: O PROGRESSO HISTÓRICO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA MANUEL SAID ALI

NATALÍ DA MASCENA DE SOUZA*


Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA), Manaus, AM, Brasil.

Recebido em: 1º maio 2024. Aprovado em: 3 maio 2024.

Como citar este artigo: SOUZA, N. da M. de. Continuidades e descontinuidades: o progresso histórico da língua portuguesa para Manuel Said Ali. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 24, n. 2, p. 210-227, maio/ago. 2024. DOI: 10.5935/cadernosletras.v24n2p210-227

Resumo

O presente artigo objetiva apresentar uma análise acerca da perspectiva do progresso em estudos sobre a língua portuguesa, sob autoria de Manuel Said Ali (1861-1953), tendo como aporte teórico-metodológico a historiografia linguística, de modo a revelar as descontinuidades e continuidades nesse processo. Tencionamos verificar de que modo o autor concebe e explana a questão em excertos selecionados de duas de suas obras: *Dificuldades da língua portuguesa* (2008) e *Gramática histórica da língua portuguesa* (1964). Pretendemos, com

* E-mail: natali.dmds@gmail.com
 <https://orcid.org/0009-0009-8080-3922>

isso, estabelecer a aplicação de um conceito pertinente dentro dos estudos sobre a nossa língua, registrado por um gramático brasileiro do século XX.

Palavras-chave

Progresso. Manuel Said Ali. Historiografia linguística.

INTRODUÇÃO

A ocorrência de inúmeros processos de formação e transformação dos fenômenos linguísticos de uma língua evidencia o progresso que nela é registrado. As mudanças históricas assinalam como as línguas se constituem a partir das modificações ocorridas no decorrer de seu uso pelos falantes ao longo do tempo, de modo que tais acontecimentos acabam por expor como a linguagem humana reflete os registros em voga, não se limitando a um sistema meramente estático e imutável. Em relação à língua portuguesa, por exemplo, sua configuração não é exatamente aquela que chegou a terras brasileiras em meados do século XVI. Pelo contrário, a língua que os portugueses instituíram passou por diversas etapas de desenvolvimento e modificações no decurso de seu estabelecimento como uma língua estritamente brasileira.

No entanto, a concepção de progresso nem sempre foi essencialmente vista com bons olhos por aqueles que estudavam a língua e seus fenômenos. Em decorrência disso, um sistema enviesado pela concepção purista influenciou uma série de trabalhos desenvolvidos no Brasil, especialmente durante o início do século XX, período que compreende a publicação das obras aqui selecionadas. Acerca dessa natureza purista que regia os trabalhos produzidos no período em que Manuel Said Ali se enquadrava, Cavaliere (2022, p. 395) afirma que “um traço categórico que se costuma atribuir à tradição gramatical no Brasil é o de pugnar pela defesa da língua contra barbarismo e criar regras de bem dizer em conformidade com o padrão clássico da língua”, compactuando, dessa maneira, com as formas fechadas na língua. Assim, estudos em torno do purismo e do progresso da língua andavam em sentidos opostos, sendo, por isso, aspectos recorrentes nas obras do nosso autor.

Em vista disso, este artigo tem como objetivo analisar como um desses conceitos, o de progresso, é descrito no livro *Dificuldades da língua portuguesa*

(2008), especificamente a partir de trechos do artigo intitulado “Purismo e progresso da língua portuguesa”, e na introdução por título “História resumida da língua portuguesa” presente na *Gramática histórica da língua portuguesa* (1964), ambos de Manuel Said Ali, à luz das propostas teórico-metodológicas da historiografia linguística (HL), na observação dos eixos de continuidades e descontinuidades no referido conceito. A partir disso, estudaremos essa concepção presente nas obras sob os pontos de vista contextual, imanente e de adequação expressos em Koerner (1996).

As obras aqui selecionadas representam um momento peculiar no percurso do desenvolvimento das ideias linguísticas, especificamente nas produções em língua portuguesa no Brasil, pois ambas resultam de investigações do autor. Portanto, nosso estudo pretende contribuir com a HL brasileira por meio da investigação de algumas das contribuições de um importante professor, pesquisador e gramático brasileiro do século XX.

A HL é considerada um campo ainda recente dentro dos estudos linguísticos. Os primeiros trabalhos foram concebidos oficialmente somente após o ano de 1970, na França. No Brasil, chegam na década de 1990, com o pioneirismo atribuído a Cristina Altman, e, há quase 30 anos, têm se difundido em universidades de todo o Brasil. Os trabalhos precursores dessa teoria tiveram como objetivo “introduzir a reflexão a respeito da história dos estudos da linguagem no amplo e variado campo dos estudos linguísticos” (Batista, 2013, p. 21-22) e, dessa forma, constituíram-se como reflexões históricas sobre a linguagem e inauguraram, assim, o que seria entendido como a área da HL.

Além desta introdução, o presente artigo conta com a seção de fundamentação teórica, que trata de características atinentes à HL, enfatizando os conceitos de continuidades e descontinuidades, uma seção que apresenta o *corpus* selecionado para a pesquisa, e outra seção que aborda algumas informações sobre o autor das obras. Após isso, temos a seção de análise dos dados e, por fim, as considerações finais.

A LINGUAGEM EM CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE PARA A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

Um estudo sob a ótica historiográfica permite um horizonte amplo no tratamento com o *corpus* selecionado, centrando-se não apenas nos registros

escritos sobre um determinado fato linguístico, mas também destacando processos externos em relação aos elementos textuais. Conforme sugere Batista (2013, p. 62), a HL tem interesse em investigar não apenas as teorias, mas também o contexto e a divulgação delas, ou seja, são aspectos externos e internos que interessam a uma pesquisa da área, pois desse modo será possível estabelecer uma interpretação abrangente sobre aquilo que foi produzido sobre a linguagem em épocas passadas.

A historiografia tende a focalizar possibilidades de reconstruções históricas que partem de objetos específicos e localizados em uma determinada época da história. Desse modo, tudo aquilo que foi produzido dentro da história da linguística pode se tornar um objeto de análise, já que “os *objetos primários* que se devem estudar *são textos* (publicados ou não)” (Swiggers, 2013, p. 41, grifos do autor), e a observação desses textos permite a compreensão de fatos linguísticos outrora estabelecidos, o que possibilita interpretações segundo as perspectivas teóricas do campo da historiografia.

Acerca do que se constituem as análises que partem desses textos possíveis, Altman (2012, p. 26) afirma que “um trabalho de tal natureza não se resume a uma simples compilação de datas, fatos, títulos e nomes relacionados com o estudo das línguas e da linguagem”, ou seja, uma pesquisa historiográfica não se caracteriza somente a partir de seleção e ordenação dessas possíveis informações. Segundo a autora, vai mais além, pois a atividade está ambicionada a compreender os movimentos em história da ciência, propondo-se a selecionar, reconstruir, ordenar, interpretar fatos por meio de um conjunto de procedimentos básicos que são exigidos ao historiógrafo.

Para que uma pesquisa inserida nessa perspectiva seja realizada, Koerner (1996) apresenta três princípios metodológicos: de contextualização, de imanência e de adequação. O primeiro, princípio de contextualização, é o que trata “do ‘clima de opinião’ geral do período em que as teorias se desenvolveram” (Koerner, 1996, p. 60). Esse princípio propõe que sejam analisados os contextos que circundavam a produção dos saberes no período de publicação das obras. O segundo, princípio de imanência, busca estabelecer um “entendimento completo, tanto histórico quanto crítico, possivelmente filológico, do texto linguístico em questão” (Koerner, 1996, p. 60). Trata-se, portanto, da descrição textual, dos aspectos linguísticos que a obra apresenta. Nesse princípio, o objeto deve ser analisado centrado em aspectos inerentes aos conceitos e às visões nele apresentados, sem quaisquer interpretações pessoais, mas

“mantendo-se fiel ao que foi lido” (Bastos, 2020, p. 109). O terceiro e último, princípio de adequação, só pode ser estabelecido mediante a execução das duas etapas anteriores, já que “somente depois que os dois primeiros princípios foram seguidos (assegurando desta maneira, que um pronunciamento linguístico tenha sido localizado e compreendido no seu contexto original)” (Koerner, 1996, p. 60).

A partir dessas definições e metodologias, Swiggers (2010, 2013) ressalta que a HL, tal como outras historiografias, possui uma rede de conceitos e termos voltados à organização dos dados primários, bem como à reflexão desses dados. O autor apresenta alguns desses termos pertinentes ao campo, levando em conta a sistematização de conceito ou “áreas de descrição e explicação” (Swiggers, 2010, p. 7), que ele divide em três partes. No primeiro agrupamento, tais áreas podem ser retratadas a partir do texto, conceituadas como pontos de ancoragem, que se entendem a partir de autores e usuários, e, ainda, podem ser contínuas, em redes, em instituições e em sociedade. Como segundo agrupamento, temos as linhas de evoluções dessas narrativas historiográficas, subdivididas em três perspectivas: 1. a que trata do curso evolutivo geral: mudança, revolução, continuidade/descontinuidade, manutenção, perda, recorrência; 2. trata das relações no tempo: apresentando-se a partir de modelos, influências, horizonte de retrospectão; 3. trata dos conteúdos, dos formatos e das estratégias: o primeiro estabelece a designação, a teoria ou o modelo propriamente dito; o segundo destaca que esses formatos podem designar princípios teóricos ou técnicas de descrição; o terceiro aponta para a estratégias de usos terminológicos de empréstimos, adaptação, contextualização, que devem ser pontuados por aquele que faz a historiografia.

Em nossa análise, pretendemos enfatizar a linha de evolução, abordando os conceitos de continuidades e descontinuidades, ou, como também tem sido denominada, retórica de ruptura. Essa escolha remete à conjuntura de contexto de progresso em oposição ao purismo que permeia nosso estudo, assim, propomos estabelecer processos de continuidades ou rupturas a partir da produção conceitual nas obras em análise.

Na HL, conceituou-se que o processo de reconstrução da história de um determinado momento não tende a se manifestar como um estabelecimento isolado de contextos anteriores à sua produção; pelo contrário, eles adquirem significado, pois, antes, teriam sido constatadas ou não premissas que incidem sobre uma descrição pontual. Desse modo, a HL reconhece que uma narrativa

historiográfica também se apresenta mediante esses dois processos, pois a “história é sucessão alternada de continuidades e discontinuidades” (Batista, 2013, p. 120).

Acerca do processo de continuidade, entende-se que ele procura estabelecer, sobre a linguagem, padrões linguísticos que não tiveram alterações substanciais quando comparadas às perspectivas anteriormente propostas. Sobre isso, Batista (2020, p. 42, grifo nosso) destaca que

[...] um eixo de continuidades históricas se forma quando há adesão a saberes validados dentro de um campo e que têm reconhecimento de uma comunidade de pesquisadores (mesmo que não institucionalizados no sentido contemporâneo). Constrói-se, desse modo, uma *tradição de pensamento*. O processo histórico, nessa perspectiva, constitui-se em termos de preservação e circulação de uma memória.

Assim, as perspectivas de continuidades resultam de investigações já estabelecidas e, desse modo, explicam como certos aspectos perpassam diferentes épocas e se instauram como tradições na constituição de uma teoria, um fenômeno linguístico e tudo aquilo que interessa à HL.

Em contrapartida, há também processos de discontinuidades relacionados a uma construção historiográfica, que se definem a partir de pensamentos e ideias que, em determinada conjuntura, acabam divergindo do paradigma vigente, vindo a cessar e dar lugar às novas configurações e possibilidades em determinado momento da história. Sobre esse processo, predominam questões sobre “a diferença, a oposição e a ruptura dentro de um campo de investigação científica, pedagógica, gramatical ou filosófica (entre outros). Nesse caso, o processo histórico se dá em termos de esquecimento e apagamento” (Batista, 2020, p. 43). Nesse sentido, compreende-se que um pensamento pode ser modificado e/ou diferenciado de épocas que o antecedem, o que pode explicar, então, um determinado processo de discontinuidade de ideias.

Uma importante colocação sobre essas duas perspectivas remete ao fato de que elas devem ser consideradas de modo conjunto, no sentido de que devem ser compreendidas possíveis continuidades e discontinuidades em qualquer processo de investigação sobre a história; afinal, “a presença de uma proposta não elimina outras” (Batista, 2013, p. 53). Portanto, qualquer uma delas pode ser eventualmente presente no processo de uma reconstrução histórica com maior ou menor intensidade.

O CORPUS DA PESQUISA

Visto que se trata de uma abordagem historiográfica, na escolha do *corpus*, isto é, dos objetos primários a serem analisados, optamos por eleger duas obras de Manuel Said Ali. Acreditamos que, com essa escolha, será possível estabelecer uma interpretação do conceito sobre progresso que o autor propõe em cada uma delas.

A primeira obra, *Dificuldades da língua portuguesa*, registrava investigações sobre a língua vernácula feitas pelo autor e que foram previamente publicadas em artigos de revistas, de jornais e até sob forma de palestras, até vir à publicação em livro, pela primeira vez, em 1908. A publicação passou por modificações na constituição textual, tendo sido acrescidos pelo autor alguns capítulos durante o intervalo das primeiras edições.

A edição selecionada para a nossa análise é a sétima, do ano de 2008, publicada pela Academia Brasileira de Letras (ABL). O livro possui um total de 13 capítulos, cada um deles dedicado a expor o estudo feito pelo autor sobre aquele caso especificamente referido. Selecionamos trechos para a nossa análise presentes no último capítulo, sob o título “Purismo e progresso da língua portuguesa”, que nos remete ao processo de purismo da língua em contrapartida aos progressos históricos que nela acontecem. Cabe destacar que Said Ali proferiu inicialmente essa conferência na Biblioteca Nacional, em 1914, no Rio de Janeiro.

A segunda obra, *Gramática histórica da língua portuguêsã*, teve sua primeira edição publicada em 1921, na cidade de São Paulo. A obra foi inicialmente publicada como uma espécie de primeira parte em 1921, sob o título *Lexeologia do português histórico* e, dois anos depois, em 1923, veio à luz a segunda parte, como *Formação de palavra e sintaxe do português*. Somente no ano de 1931 é que as partes foram reunidas e transformaram-se na *Gramática histórica da língua portuguêsã*. Por essa razão, adotamos aqui a data de publicação de quando a obra recebeu o nome contendo as duas partes. Utilizamos para esta análise a terceira edição, datada do ano de 1964, da Editora Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporados). Para nossa análise, selecionamos a introdução da obra, cujo título é “História resumida da língua portuguêsã”, parte dedicada à exposição histórica da língua realizada pelo autor.

BREVES APONTAMENTOS SOBRE O AUTOR

Manuel Said Ali Ida nasce no ano de 1861, na cidade de Petrópolis, e falece no ano de 1953, na cidade do Rio de Janeiro, à época a Capital Federal do Brasil. A mãe, Catarina Schiffler, era alemã, o pai, Said Ali Ida, tinha origens turcas e falecera quando o filho tinha apenas 2 anos. Manuel Said Ali passou a infância e o início da adolescência na cidade onde nasceu, Petrópolis, permanecendo lá até a idade de 14 anos, e, após isso, mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, local em que deu continuidade a seus estudos.

Na adolescência, passou a trabalhar na livraria alemã Laemmert & Cia. Nesse local, travou contato com obras literárias de diversos lugares e de outras línguas, o que não lhe causava embaraço, pois conhecia, além do português, o alemão, o francês e o inglês, sendo tal habilidade essencial para o desenvolvimento de suas pesquisas. Maximiano de Carvalho e Silva (1993, p. 48) tece comentários acerca do caráter estudioso e pesquisador que o acompanhavam, destacando que,

[...] numa época em que a inexistência de centros de estudo especializado só lhe permitia mesmo ser um autodidata, o bom conhecimento da língua alemã e de outras línguas estrangeiras facilitou-lhe o acesso às obras originais de eminentes especialistas que exerceriam marcante influência em sua formação. O notório saber e a preocupação didática abriram-lhe o caminho do magistério, que exerceu em várias instituições, a partir das duas décadas finais do século XIX.

Diante disso, acerca de sua docência, Said Ali ocupava o cargo de professor regente de alemão na Escola Militar da Capital Federal, cuja vaga foi conquistada por concurso. Além disso, também exercia a docência em outras escolas de ensino, como o Colégio Pedro II – conhecido como Ginásio Nacional. Cabe destacar que ele também possuía conhecimentos na área de geografia, cuja disciplina chegou a ministrar nas escolas onde lecionou. A carreira de professor desenvolveu-se, sobretudo, nas escolas de maior prestígio existentes na época, o que lhe rendeu alto destaque nas esferas mais influentes. Tanto que “em 1895, comissionado pelo Governo, foi a Europa estudar a organização do ensino secundário, principalmente os métodos de ensino das línguas vivas” (Bechara, 1956, p. 181).

No que tange à sua produção, tendo sido um exímio estudioso das línguas, sobretudo da língua portuguesa, Said Ali deixara inúmeras obras que

influenciaram o contexto de ensino de língua materna no Brasil. Embora seja mais reconhecido pela autoria de gramáticas, era um pesquisador e escritor que constantemente publicava diversos materiais. Sua vasta obra sobre língua portuguesa “não só é composta de gramáticas, mas também de publicações na imprensa periódica, edições de livros diversos, traduções de livros didáticos para o ensino de língua estrangeira, um vocabulário ortográfico, entre outros trabalhos” (Vieira, 2018, p. 181).

Correspondem à sua autoria três compêndios que figurariam nos colégios daquele período: *Gramática histórica da língua portuguesa* (1931), *Gramática elementar da língua portuguesa* (1923) e *Gramática secundária da língua portuguesa* (1925). Além dessas obras, há também inúmeros materiais que foram elaborados e publicados pelo autor, e, como os de maior repercussão, temos: *Dificuldades da língua portuguesa* (1908), *Meios de expressão e alterações semânticas* (1920), *Versificação da língua portuguesa* (1948), *Versificação da língua latina* (s. d.), entre outros trabalhos publicados ao longo de sua vida.

Uma importante característica atribuída a Said Ali é o registro das primeiras referências às teorizações defendidas por Ferdinand Saussure e sua corrente estruturalista. Altman (2016, p. 6) afirma que, “por alguma razão, as proposições saussurianas de uma linguística sincrônica ao lado de uma linguística diacrônica teriam chegado a Said Ali já em 1919”. Por isso, como destaca a autora, os registros iniciais de perspectivas estruturalistas são inseridos em estudos de língua no Brasil um pouco depois, mas já haviam sido notados no livro *Dificuldades da língua portuguesa*. Tais estudos, mesmo que não tenham ganhado destaque, já que a corrente estruturalista chegaria massivamente ao Brasil somente com a obra de Joaquim Mattoso Câmara Jr., apontam para o fato de que Said Ali teve contato com essa nova vertente que se instauraria nos círculos acadêmicos brasileiros somente anos depois.

REGISTROS DO PROGRESSO DA LÍNGUA PORTUGUESA NAS OBRAS DE MANUEL SAID ALI

No *Dificuldades da língua portuguesa*, encontramos alguns apontamentos sobre o processo de desenvolvimento que as línguas passam durante sua história. Em determinada parte, Said Ali (2008, p. 207) argumenta que

[...] não há desdouro no transmutar perene, embora lento, de uma língua. É um fenômeno de vitalidade. Pelas mesmas vicissitudes por que passou a lusitana, passaram também as suas irmãs, as línguas românicas, como todas as outras. O próprio latim, muito antes de se esgalhar em reto-romano, rumeno, italiano, provençal, francês, espanhol e português já não corria entre o povo com a pureza primitiva.

Após isso, o autor passa a descrever como as mudanças das línguas modificavam-se mediante processos específicos no decurso de sua história, sendo acrescidas, por exemplo, ao vocabulário português palavras oriundas de outros idiomas correlatos. Adiante, Said (2008, p. 213) comenta sobre como a Idade Média foi caracterizada pela prevenção da língua contra os vulgarismos, argumentando que

[...] nas crônicas mencionam-se às vezes frases que se afastam do falar culto, mas em geral em tom de ironia ou desprezo. Ainda em 1536 o gramático Fernão d'Oliveira condena, posto que com exagero, muitos termos por plebeus ou idiotas, isto é, próprios de homens ignorantes. Gil Vicente, o primeiro escritor sem preconceitos, que ousa reproduzir a língua tal como se fala entre o povo, desvenda-nos, nos autos e farsas, grande número de expressões populares, nunca dantes contempladas na fina língua escrita, nem ainda aceitas por outros escritores contemporâneos nem pelos que ornaram as letras portuguesas mais tarde.

Prossegue o autor discorrendo sobre a linguagem medieval e também sobre os processos de mudanças da língua portuguesa que foram notados a partir das viagens dos navegantes. Adiante, Said Ali (2008, p. 214) traz a concepção do termo “empréstimo” na língua e afirma que serve

[...] para designar as contribuições adventícias com que se aumenta o léxico de um idioma, servem-se os linguistas de um termo de extraordinária polidez: “empréstimos”, “emprunts” (francês), “loan-words” (inglês), “Lehnwörter” (alemão). Empréstimos que nunca se restituem; dívidas que jamais se resgatam, salvo com outro empréstimo. Na linguagem faz-se isto sem cerimônia. Não se propõe nem se pede.

Ao longo desse mesmo artigo, observa-se a atenção que Said Ali reserva aos processos de mudanças por que passam as línguas e especificamente as palavras da língua portuguesa. O autor comenta ainda os processos envoltos

na evolução do falar e do escrever, bem como a constituição destes para o registro da nossa língua. Após uma exposição minuciosa, destaca que

[...] língua viva imutável, língua que, chegada a um tipo de perfeição modelar, cesse de modificar-se e absorver elementos estranhos ao seu passado, é cousa que não há nem nunca houve. A linguagem é a expressão da nossa inteligência. E a inteligência humana não se petrifica; pode volver olhar saudoso para a sabedoria de alguma era remota; porém esta, com todo o seu esplendor, não lhe produz desmaio, nem a paralisa. Se tal calamidade houvesse, o intelecto se atrofiaria e da maior parte das línguas modernas já não restariam mais que ruínas (Said Ali, 2008, p. 226).

Para o autor, a língua constitui-se desses processos transitórios, pois, já que a inteligência humana não é estática, aquilo de que se faz uso para a comunicação, ou seja, a linguagem, também estará propenso a modificações. Said Ali sugere que, por vezes, as explicações daqueles ditos puristas não são devidamente sustentadas ou legítimas, mas apenas repetição de ideias que foram sucessivamente repassadas e, quase sempre, fundamentadas nos clássicos da literatura.

Ainda nesse sentido, Said Ali faz uma analogia que explicaria como esses processos poderiam ser vistos dentro da língua portuguesa. Assim, destaca que

[...] quem faz o estudo histórico de uma língua literária como o português, vê cousa bem diferente. Cotejando por ordem cronológica, e sem preocupação de pureza ou perfeição, os textos mais notáveis desde o período arcaico até o presente, e considerando o idioma de cada época em seu conjunto, a impressão que nos fica é como se tivéssemos diante de nós *fotografias* de um indivíduo tiradas aos quinze, aos vinte, aos trinta, aos quarenta anos. Comprazemo-nos em confrontar essas figuras tão dissemelhantes, do mesmo personagem. Assim muda de aspecto qualquer língua literária, segundo a fase em que a contemplamos. *Sempre a mesma e sempre outra* [...] (Said Ali, 2008, p. 227, grifos nossos).

Quando observadas em distintos recortes temporais, as línguas apresentarão significativos aspectos que, em cada momento, constituem representações e definições, que se consubstanciam em arquétipo linguístico de uma determinada comunidade. Nas palavras de Said Ali (2008, p. 227), “a evolução, por felicidade um tanto lenta, permite formularem-se as regras da elocução correta e do uso que prevalece entre a gente educada durante um espaço de tempo mais ou menos longo”. Tais características apontam que, como expõe Said Ali,

trata-se, apesar do escopo temporal, de um mesmo “personagem”. Ou seja, a língua sofrerá pequenas ou grandes mudanças em sua constituição, do mesmo modo que fotografias tiradas em diferentes períodos retratam mudanças daquele que é fotografado. Nesse estudo, Said Ali (2008, p. 231) explica como se sucederam determinados aspectos linguísticos dentro do decurso da evolução do português e finaliza pontuando que “a língua portuguesa, apesar das extravagâncias e caprichos de alguns, e das torturas que sofreu, continuou lentamente a progredir como dantes”. Portanto, mesmo diante de certa resistência quanto à ideia de mudança e evolução, o que concerne a Said Ali, parece seguro afirmar que ele defendia que a língua portuguesa seguia um processo tanto de continuidades e descontinuidades no que tange à sua constituição como língua.

Na introdução da *Gramática histórica da língua portuguesa* (1964), cujo título é “História resumida da língua portuguesa”, o autor inicia fazendo uma referência ao processo de desenvolvimento do latim e destaca que, dessa língua, originam-se os idiomas denominados românicos, romances ou neolatinos. Além disso, apresenta alguns lugares da Europa que abrangem esses idiomas, agrupando-os num domínio que, para o linguista, configurava como a constituição da România. Acerca desses idiomas, afirma o seguinte:

Os idiomas neolatinos não ficaram localizados somente na Europa. Com a colonização que alguns povos fizeram em certos pontos remotos da África e da Ásia e em grande extensão do continente americano, passaram a ser faladas as respectivas línguas também nestoutras partes do mundo. Assim veio o Português ao Brasil, e o espanhol à América espanhola (Said Ali, 1964, p. 17).

Na sequência, o autor passa a tecer uma abordagem sobre o processo de origem e divisão das línguas românicas apresentando a proposta de Meyer-Lubke, sobre as línguas românicas estarem divididas em rumeno, dalmático, rético, italiano, sardo, provençal, francês, espanhol, português, sendo cada um dos idiomas constituídos por uma série de dialetos. Após essa exposição, Said Ali (1964, p. 17) aponta que “tôdas estas línguas e dialetos originaram-se do latim; não do latim literário, que em muitos pontos era linguagem artificial, e sim do latim vulgar, isto é, da linguagem viva, do latim falado”. Ainda sobre esse processo de transformação, Said Ali (1964, p. 17) aborda novamente como ocorreram as modificações e a criação de novos idiomas, com ênfase na fonologia, assim:

Transformou-se o latim em tantos idiomas novos, principalmente porque teve de acomodar-se a antigos hábitos de pronúncia dos povos que o adotaram, hábitos em que os povos diferiam uns dos outros. E as modificações se davam não somente porque os órgãos de fonação, habituados aos sons indígenas, sentiam dificuldades em reproduzir sons estranhos, mas também porque o ouvido percebia mal certos sons que lhe não eram familiares.

Desse modo, o autor explica como tais fatos coincidem com o processo de formação de novos idiomas a partir de uma língua. Em seguida, enfatiza que entre língua e dialeto não existem diferenças essenciais, à exceção de que a língua se torna um dialeto quando é escolhida entre outros (dialeto) usados no mesmo país, logo, preferida para a linguagem oficial e uso em documentos oficiais. Explica ainda que “o dialeto, que se adotou na côrte dos reis, passou a ser o falar da gente culta, ficando por fim a linguagem usada nas produções literárias” (Said Ali, 1964, p. 18).

Seguindo, Said Ali (1964, p. 18) explora algumas características acerca dessa língua considerada como oficial, indicando que, passado um tempo de quando constituída, “emancipa-se necessariamente do falar regional que lhe deu origem”. A partir disso, o autor aponta que “dá-se-lhe um caráter de uniformidade, submetendo-a a regras de bom gôsto, e a normas gramaticais mais fixas; introduzem nela expressões novas, que em grande parte se vão buscar ao latim” (Said Ali, 1964, p. 18). Pode-se inferir que são esses processos que para o autor sugerem o estabelecimento de uma língua oficial.

Na sequência, Said Ali (1964, p. 18) procura explicar acerca do surgimento da língua portuguesa, afirmando o seguinte:

Em Portugal foi entre os dialetos falados no norte do país que se tomou aquele que constituiu a língua portuguesa. Parece ter sido o de Entre Douro e Minho, quer dizer, o interamnense, ou talvez o galécio-português, isto é, o idioma falado nas margens do Minho.

Os mais antigos documentos escritos em português que se conhecem, datam do Século XII. Vê-se por eles que o idioma se formou em época muito mais antiga, pois a linguagem nos aparece já bem caracterizada e mais semelhante ao falar de hoje do que ao latim. Essa antiguidade do idioma se confirma por alguns vestígios de português que se encontram em documentos de latim bárbaro do século IX.

Feita essa exposição, o autor toma como base o século XII para o início do “português histórico” e distingue dois períodos principais na evolução do

idioma. O primeiro, denominado português antigo, tem a ver com a “língua escrita usada até fins do século XV e ainda nos primeiros anos do século seguinte” (Said Ali, 1964, p. 18). O segundo, denominado português moderno, refere-se à “língua empregada dessa época em diante” (Said Ali, 1964, p. 18).

A partir dessas distinções, Said Ali inicia seus apontamentos sobre as obras que estão inseridas nesses dois períodos. Sobre o português antigo, cita exemplos como *Os cancioneiros*, as histórias do Santo Graal, as crônicas de Fernão Lopes, entre outros. Além disso, explica que esses escritos evidenciam que o vocabulário português não teve apenas origem latina, mas que outros povos que dominaram a Península Ibérica após os romanos deixaram vestígios de sua passagem, como é o caso do árabe: “nota-se principalmente no português antigo a adoção de vários termos de origem árabe” (Said Ali, 1964, p. 19).

Acerca do português moderno, Said Ali faz subdivisões em fases: a quinhentista, a seiscentista e a hodierna, além de admitir também a fase setecentista como uma transição entre as últimas fases. Sobre a primeira fase, pontua que

São notáveis, sobretudo, os escritores quinhentistas por terem ousado romper com a velha tradição, pondo a língua escrita mais de acordo com o falar corrente, que nessa época se achava bastante diferenciado do falar de dois ou três séculos atrás. Modernizaram a língua e tornaram-na também mais elegante (Said Ali, 1964, p. 19).

Prosseguindo, o autor procura expor obras de romance de cavalaria e autores cujas inserções são desse período, cita como exemplo Luís de Camões, com o poema *Os lusíadas*, de 1572. Sobre Camões, Said Ali (1964, p. 19) destaca que, embora não tenha sido o criador do português moderno, uma vez que já vinha sendo empregado, libertou-se de arcaísmos em sua obra, “descobrimo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo”.

Na sequência, veem-se mais alguns exemplos de obras quinhentistas, e, ao retratar o gênero viagens, em certo momento, passa a destacar que “nas descrições dos países ultramar se revela o *enriquecimento do vocabulário português*, de um lado com termos asiáticos e africanos, de outro lado com expressões das línguas brásílicas” (Said Ali, 1964, p. 19, grifo nosso). Said Ali finaliza esse período com as comédias, autos e farsas, pois, segundo ele, tais obras eram valiosas para a língua popular da época.

Sobre a fase seiscentista, Said Ali (1964, p. 20) afirma que se “caracterizava sobretudo pelas obras moralistas, sermões, histórias de vida e milagres de santos, etc”, após isso, destaca que essas obras já tinham representantes na época anterior. Cita autores considerados como representantes do período em vigência, entre os quais destaca Padre Antônio Vieira, pois nos “sermões encontram os estudiosos abundante material para as investigações de língua portuguesa” (Said Ali, 1964, p. 20).

Acerca da fase seguinte, Said Ali comenta sobre o fato de a produção literária do século XVII receber o título de gongórica, no entanto salienta existir um exagero no uso. Para ele, tal definição pode ser encontrada em algumas obras, mas não em todas do período em questão. Finaliza a exposição abordando que o século XVIII é o das academias literárias e faz comentários pontuais sobre os processos de modificação do idioma. Vejamos:

[...] floresce a poesia tanto em Portugal como no Brasil. Mal se notam modificações na gramática e contextura da linguagem. Mas a atenção dos homens de letras vai se dirigindo para França, centro de grande movimento intelectual como de revolução política. A cultura francesa e a língua francesa passam a ser, em Portugal e como em outras partes da Europa, a principal fonte de informação e inspiração para a literatura, a filosofia, as instituições políticas e sociais. E assim penetram no idioma português vocábulos creados no estrangeiro e postos em voga pelas necessidades da civilização moderna. Reagem os puristas contra a onda de galicismos que, segundo imaginam, ameaça demolir tudo quanto é vernáculo. Consegue-se abafar várias expressões supérfluas; mas aquelas que satisfazem a necessidades reais, que exprimem com clareza e precisão idéias novas, incorporam-se definitivamente ao idioma (Said Ali, 1964, p. 21).

E ainda, ao encerrar, afirma que “o enriquecimento do vocabulário com expressões e processos devidos ao estrangeiro perdura no português hodierno. Perdura também a reação purista, implacável em alguns casos, e complacente em outros” (Said Ali, 1964, p. 21).

A partir do exposto, observa-se que Said Ali procurou explanar uma história considerando os diversos processos de modificações, os progressos da língua portuguesa caracterizados desde o surgimento até a época que considera como moderna, de modo que compreende a importância do desenvolvimento que a língua possuía, deixando entrever, nesse processo perquiratório, suas percepções ou intuições acerca dos mecanismos de continuidades e descontinuidades da língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, à luz da orientação metodológica da HL, buscamos apresentar, em alguns excertos de duas de suas obras, como Manuel Said Ali concebia o progresso histórico registrado sobre a língua portuguesa. Os apontamentos ali recolhidos ressaltam a perspectiva de progresso que permeia a constituição de uma língua, que podem ser inferidos da maneira como Said Ali tratou e apresentou os processos evolutivos registrados no decorrer da constituição da língua. Diante disso, conforme propõem as linhas evolutivas da historiografia, nota-se que em distintos recortes históricos ocorreram processos ora de continuidade, ora de discontinuidades nos fenômenos linguísticos, embora este último não seja tão presente no recorte adotado, a menos quando se notam os processos de mudança na passagem de uma língua anterior à constituição de outra, no estágio seguinte de sua evolução.

De um modo geral, Said Ali concorda que as mudanças não são suficientes para assumir descontinuidade perene na formação da língua portuguesa. Sua obra, aliás, parece ser, por si só, exemplo de uma representação de continuidade histórica: Bechara (1956, p. 170) aponta que “a obra científica do prof. Said Ali é a única, entre os filólogos e linguistas brasileiros de todos os tempos que guarda certa unidade de trabalho histórico”. Assim, podemos assumir que seus diversos trabalhos contemplavam o estudo e a reflexão da língua a partir de processos históricos, de modo que retratavam não apenas a mera prescrição purista da língua como era comum à época, mas também se esforçavam em compreender os fatos, os progressos que acompanhavam e, de certo modo, explicavam o que era tido como regular na língua vigente.

Continuities and discontinuities: the historical progress of the Portuguese language for Manuel Said Ali

Abstract

The aim of this article is to present an analysis of the perspective of progress in studies on the Portuguese language by Manuel Said Ali (1861-1953), using linguistic historiography (LH) as a theoretical and methodological contribution, in order to reveal the discontinuities and continuities in this process. We intend to see how the author conceives and explains the issue in selected excerpts from

two of his works: *Difficulties in the Portuguese language* (2008) and *Historical grammar of the Portuguese language* (1964). In doing so, we intend to establish the application of a pertinent concept within the studies of our language, recorded by a 20th century Brazilian grammarian.

Keywords

Progress. Manuel Said Ali. Linguistic historiography.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, C. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. *Todas as Letras*, São Paulo, n. 14, p. 14-37, 2012.

ALTMAN, C. Saussure e o (des)encontro de duas gerações acadêmicas no Brasil. *Signo y Señá*, n. 30, p. 3-21, 2016. Disponível em: <https://www.rahl.ar/index.php/rahl/article/view/12>. Acesso em: 1º dez. 2023.

BASTOS, N. B. O fazer historiográfico: dimensões/parâmetros externos e internos. In: BATISTA, R. de O.; BASTOS, N. B. *Questões em historiografia da linguística: homenagem a Cristina Altman*. São Paulo: Pá de Palavra, 2020. p. 94-113.

BATISTA, R. O. *Introdução à historiografia linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.

BATISTA, R. O. História e historiografia da linguística: um mapa de orientação. In: BATISTA, R. de O.; BASTOS, N. B. *Questões em historiografia da linguística: homenagem a Cristina Altman*. São Paulo: Pá de Palavra, 2020. p. 30-49.

BECHARA, E. Manuel Said Ali Ida. *Revista Letras*, v. 5-6, p. 167-182, 1956. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20038/13220>. Acesso em: 20 out. 2023.

CARVALHO E SILVA, M. Fontes para o estudo da vida e obra de Manuel Said Ali. *Revista Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 48-59, 1993. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/740>. Acesso em: 5 jan. 2024.

CAVALIERE, R. *História da gramática no Brasil: séculos XVI a XIX*. Petrópolis: Vozes, 2022.

KOERNER, K. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 2, p. 45-70, 1996.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa: estudos e observações*. 7. ed. Rio de Janeiro: ABL, Biblioteca Nacional, 2008. Disponível em: https://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/dificuldades_da_lingua_portuguesa_-_cams_-_para_internet.pdf. Acesso em: 5 jan. 2024.

SWIGGERS, P. História e historiografia da linguística: *status*, modelos e classificações. Tradução: Cristina Altman. *Eutomia*, Recife, v. 1, n. 6, p. 1-17, 2010.

SWIGGERS, P. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Revista Confluência*, Rio de Janeiro, n. 44-45, p. 39-59, 2013.

VIEIRA, F. E. *A gramática tradicional: história e crítica*. São Paulo: Parábola, 2018.